

Lorenz Stein e as origens do comunismo

JOÃOSINHO BECKENKAMP*

Entre outubro de 1841 e junho de 1842, Lorenz Stein conseguiu reunir as informações e redigir um dos livros mais impactantes daquele período conturbado da história europeia, seu *O socialismo e comunismo da França atual*, lançado em setembro de 1842 pela editora de Otto Wigand, em Leipzig. Como ele mesmo reconhece no prefácio do livro, esta façanha não teria sido possível sem o contato pessoal com alguns dos socialistas mais renomados da época, nomeadamente Victor Considerant, Louis Reybaud, Louis Blanc e Étienne Cabet (cf. Stein, 1842, p.X). Seu tratamento do socialismo francês, aliás, é confessadamente baseado no livro de Louis Reybaud, *Estudos sobre os reformadores contemporâneos ou socialistas modernos: Saint-Simon, Charles Fourier, Robert Owen*, de 1840.

O que se pretende mostrar aqui é que a parte do livro de Stein dedicada ao comunismo é largamente uma invenção sua, juntando para tanto algumas manifestações sociais e políticas dos anos precedentes sob um conceito inexistente até ali, para o qual parece ter sido inclusive um dos primeiros a usar o termo correspondente de “comunismo”. Se acrescentarmos a isto a influência decisiva que seu livro teve na formação inicial de algo assim como um movimento comunista, temos os elementos essenciais que permitem identificar a origem de uma nova categoria cultural, a saber, a formação do conceito, a cunhagem de um termo correspondente e sua difusão no seio da sociedade.

No que se segue, a tônica deve recair sobre o papel do livro de Stein na definição do conceito do comunismo (1) e na aceitação social deste conceito (2) para

* Professor titular da UFMG. E-mail: jobeqk@gmail.com

caracterizar certos fenômenos sociais e políticos contemporâneos, inicialmente de forma negativa, denunciando-os como comunistas, mas finalmente de forma positiva, passando os agentes envolvidos a se considerarem a si mesmos como comunistas ou defensores do comunismo. Só no fim (3) será retomado o tópico já batido na literatura sobre os primeiros usos do termo “comunismo”, propondo-se Stein também como pioneiro neste quesito.

1. A definição do conceito do comunismo por Lorenz Stein

Depois de ter obtido o doutorado em direito na universidade de Kiel, em 1840, Lorenz Stein¹ passa algum tempo (de meados de 1840 a outubro de 1841) em Berlim, onde conhece os jovens hegelianos locais e aprofunda seus estudos da obra de Hegel. Em outubro de 1841, finalmente, muda-se para Paris, onde permanecerá até o início de 1843. Já em janeiro de 1842, Stein escreve a Arnold Ruge, na época um dos mais atuantes publicistas alemães, pedindo sua ajuda para conseguir um editor para um livro que planeja escrever sobre as diversas manifestações socialistas e comunistas na França, a serem compreendidas a partir de sua raiz social comum: “Eu me convenci de que todas aquelas manifestações [socialistas e comunistas], fundamental e temporalmente distintas, procederam de um momento comum e que nelas se reflete um dos lados principais do espírito do povo francês como um todo” (apud Schmidt, 1956, p. 149). Este momento comum e característico da vida social francesa é apresentado no livro como o princípio da igualdade, em torno do qual se articulariam as lutas revolucionárias do povo francês desde o século XVIII, culminando finalmente nas reivindicações comunistas do proletariado, a classe dos despossuídos que não têm nada a perder e tudo a ganhar com a comunidade de bens, realização material final do princípio da igualdade.

Como aponta Reinhart Koselleck em outro contexto, Stein foi capaz de prognosticar desenvolvimentos futuros porque, em suas análises, partia do movimento concreto da história moderna, um movimento que apontava para certos desenvolvimentos por vir e que, na visão de Stein, requeria uma justa intervenção do Estado: “Stein se tornou um prognosticador porque tinha como tema de seus diagnósticos o movimento da história moderna e, com isto, também sua futuridade” (Koselleck, 1989, p. 87). No caso aqui em questão, é porque parte da consciência em formação do proletariado que Stein pôde delimitar um fenômeno social que mal se esboçava então, atribuindo-lhe um conceito preciso de comunismo que será legado para as gerações futuras como bússola de um sem-número de intervenções sociais e políticas.

¹ Os dados biográficos aqui apresentados foram tirados de Schmidt (1956). Nascido em 1815, Stein foi nobilitado pela Áustria em 1868, razão pela qual aparece frequentemente na literatura como Lorenz von Stein. Seu renome vem crescendo nos últimos tempos, sobretudo como precursor da sociologia e da historiografia sociológica na Alemanha e por suas contribuições no campo do direito administrativo. Apesar de ser mencionado aqui e ali, seu papel na formação do conceito do comunismo ainda não mereceu a devida atenção na literatura.

As ideias socialistas e comunistas são tratadas por Stein não como meros devaneios de utopistas sociais, mas como expressão de uma modificação profunda no seio da sociedade moderna, que, muito antes de se manifestar politicamente como revolução do Estado, constitui o terreno de uma verdadeira revolução social, deslocando-se assim o foco daquilo que deve ser investigado:

Não hesito em expressar uma opinião que para muitos talvez aparecerá como demasiadamente ousada: foi-se o tempo dos movimentos políticos puros na França. Prepara-se uma outra, não menos séria e violenta. Assim como no fim do século passado um estado do povo se revoltou contra o Estado, assim agora uma classe dele pensa em revolucionar a sociedade, e já agora a próxima revolução só pode ser uma [revolução] social. (Stein, 1842, p.III)

E anunciando no prefácio os resultados concretos de sua investigação, Stein aponta para o proletariado como aquela classe da sociedade que vê seus interesses ligados a uma revolução social, e não à revolução política que levou ao poder a burguesia, sua classe oponente:

Na medida em que aquele elemento europeu comum que constitui o chão dos movimentos sociais se nos mostrou propriamente no proletariado, tinha de se tornar claro que este mesmo constitui apenas uma parte de um todo universal, apenas uma *classe* na *sociedade*. (Stein, 1842, p.IV)

Se o proletariado vê seus interesses projetados numa revolução social, não é a teoria política (como a de Hegel, por exemplo) o campo adequado para investigar o desafio lançado por esta classe social, seu significado histórico e o rumo que há de tomar como movimento social; o que se faz necessário é uma “consciência determinada acerca da essência e da forma da tarefa social, [ou seja, uma] *ciência da sociedade*” (Stein, 1842, p.V), ciência a ser desenvolvida e para a qual Stein delineia algumas tarefas decisivas:

Temos no âmbito de nossa ciência efetivamente uma resposta à questão: o que é, pois, aquele movimento *social* cuja existência nos é indicada pela agitação socialista e comunista? O que é uma revolução *social*? O que ela quer e para onde levará? Como ela se distingue da [revolução] *política*? Em suma, o que é a *sociedade* e como ela se relaciona com o *Estado*? (Stein, 1842, p.VI)

Tendo logrado com sua investigação uma clara compreensão das diferenças específicas entre socialismo e comunismo, em que as variantes socialistas analisadas apontam para uma solução da questão social colocada pelas classes trabalhadoras na forma de uma organização mais justa do próprio trabalho, quer dizer, nos próprios termos colocados pela sociedade comercial e industrial, enquanto o

comunismo se apresenta como negação da própria base jurídica desta sociedade ao negar e se dispor a abolir o direito de propriedade privada, Stein pode apontar para o comunismo como o novo desafio que se coloca às sociedades e Estados de seu tempo, demandando a ampliação do campo de investigação científica:

atualmente se manifesta um fenômeno que é de fora a fora próprio de nosso tempo, o *comunismo*. É ele propriamente que obriga mesmo o senso prático a ir além do mero socialismo e considerar de perto a situação da própria sociedade. Assim que se pretende compreender socialismo e comunismo como um todo, um resultado *comum* de um processo vital de nossa história mais recente avançando até aqui de forma oculta, já não é possível deixar sem entender os conceitos de proletariado e sociedade, o significado da posse e da indústria, a essência da formação do povo e a [essência] das classes. (Stein, 1842, p.IX)

E não é exagerado afirmar que Stein deu uma contribuição importante na definição de dois destes conceitos fundamentais para compreender o novo cenário social, a saber, os conceitos de proletariado e de comunismo. Este último é pela primeira vez tratado como distinto do socialismo, quer dizer, do sansimonismo e do fourierismo: “ao lado de ambos, encontra-se o comunismo, um espectro sinistro e ameaçador, em cuja efetividade ninguém quer acreditar, mas cuja existência cada qual reconhece e teme” (Stein, 1842, p.4). Reunindo sob a mesma rubrica alguns movimentos sociais e políticos bastante difusos dos anos precedentes, Stein inventa assim aquele espectro ameaçador a rondar a Europa. O potencial prognosticador desta invenção se deve à relação que é traçada com os interesses concretos de uma classe social em plena formação. Pois Stein pensa que, tomados como sistemas teóricos, socialismo e comunismo são pouco interessantes, devendo sua importância ser procurada em outro lugar: “Sua verdadeira força vital eles tiram de outra fonte, e é a esta que procuramos. – Mas onde se há de encontrar o laço que liga o socialismo com o comunismo e ambos com a vida mais íntima de sua atualidade?” (Stein, 1842, p.6). Diferente de Reybaud, por exemplo, que está mais interessado em apresentar o sansimonismo, o fourierismo e o owenismo numa linha de continuidade com utopias sociais mais antigas (desde a de Platão!), Stein quer compreender a relação das mais recentes manifestações socialistas e comunistas com a vida social concreta da França de seu tempo, e por extensão também de outras nações europeias. O elemento novo a se gestar na sociedade moderna, e que está na base das manifestações socialistas e comunistas, segundo Stein, é o proletariado como nova classe social:

É o *proletariado*, toda a classe daqueles que não possuem nem formação nem propriedade como base de seu valor na vida social, e que ainda assim se sentem chamados a não ficar totalmente sem aqueles bens que por primeiro conferem à

personalidade o seu valor. É esta classe, sua legitimidade e sua sorte, que tanto o socialismo quanto o comunismo têm em vista. (Stein, 1842, p.7)

Numa longa exposição histórica, Stein procura identificar a presença de um proletariado moderno desde a Revolução Francesa, expressando-se na figura de Babeuf, até a progressiva cristalização na década de 1830, na qual o proletariado luta inicialmente ainda ao lado da parcela progressista da burguesia no cadinho comum do republicanismo, mas vai fazendo a experiência da fundamental oposição de interesses entre os diversos estratos da burguesia e o proletariado, até se ver inteiramente abandonado à própria sorte, já para o fim da década. Em vários episódios de repressão policial de insurgências localizadas das classes proletárias, acompanhada das costumeiras campanhas difamatórias da imprensa burguesa, Stein registra a presença deste novo proletariado, que se vê excluído assim, não só do usufruto das riquezas, mas também de toda participação política no quadro de um Estado que atende aos interesses da burguesia:

Isto o proletariado começa agora a sentir; ele começa aos poucos a ter uma vontade independente, um fim próprio, e a reconhecer que até aqui ele trabalhou e sangrou por outros. A isto se junta a consciência de sua força [...] e assim se forma progressivamente, do caos desta massa destituída de propriedade e formação, um todo ao qual ninguém pode recusar sua importância, ainda que lhe recuse a legitimidade. (Stein, 1842, p.9)

O que diferencia a abordagem de Stein daquela de várias correntes socialistas precedentes, e ainda mais daquela dos futuros comunistas, é a característica posição pequeno-burguesa, que vê este proletariado não como promessa de futuro, mas como uma ameaça que precisa ser confrontada pelo Estado com uma política social adequada: “perigoso por seu número e sua coragem seguidamente demonstrada, perigoso pela consciência de sua unidade, perigoso enfim pelo sentimento de que só pode chegar à realização de seus planos pela revolução” (Stein, 1842, p.9). Se antes de Stein já se falou de proletariado, é com ele que nasce um conceito bem definido de proletariado, como classe trabalhadora numa sociedade que lhe confere formalmente igualdade de direitos, mas na realidade frustra sistematicamente sua efetivação. Formalmente reconhecido pela sociedade moderna, o princípio da igualdade se choca com a desigualdade de fato perpetuada pela concentração da propriedade privada nas mãos de poucos. Ainda que se limite apenas a lutar pela efetiva universalização da igualdade, o proletariado terá de acabar por colocar em xeque tanto a propriedade privada quanto o Estado moderno destinado essencialmente a assegurar esta propriedade: “Pois tudo o que o proletário quer só pode ser alcançado finalmente pela derrubada de dois pilares absolutos de toda convivência, pela destruição da santidade das leis e da propriedade” (Stein, 1842, p.10).

Com esta delimitação do conceito de um proletariado propriamente moderno, Stein já delineou também o quadro para sua definição do comunismo. O proletariado, como classe dos despossuídos, veria seus interesses mais ou menos representados em diversas correntes socialistas e comunistas, não se confundindo, portanto, conceitualmente com o comunismo propriamente dito (Stein, 1842, p.389). Até recentemente, aliás, o republicanismo teria sido sua bandeira preferida, não se encontrando “até 1835 indícios de um movimento independente do proletariado” (Stein, 1842, p.390). A partir de então, no entanto, o proletariado “procura se conhecer, tornar claras para si suas próprias exigências e se medir de todas as maneiras com qualquer inimigo de suas pretensões” (Stein, 1842, p.390). Inicialmente, este processo ainda é inconsciente, não se manifestando ainda como o comunismo propriamente dito, cuja característica definitiva é a negação da propriedade privada (que Stein, numa variante terminológica do hegelianismo tardio, chama de “propriedade pessoal”): “Este começa tão somente com a negação determinada da propriedade pessoal, acabando na própria negação do Estado e da Igreja” (Stein, 1842, p.392). Somente aqui o proletariado se diferencia definitivamente das demais classes sociais, todas elas mais ou menos aquinhoadas de propriedade privada, tendo interesse, portanto, em sua manutenção; razão pela qual, aliás, “o *comunismo só é possível no proletariado*” (Stein, 1842, p.355).

A determinação conceitual que Stein empreende para chegar à “própria essência do comunismo” (Stein, 1842, p.349) não se limita a um enquadramento conceitual filosófico, mas tem como objetivo dar conta das diversas manifestações sociais em que se pode descobrir o comunismo. Por isto, Stein se volta no último capítulo de seu livro para os diferentes movimentos sociais e políticos na França a partir da revolução de 1830, com o claro propósito de obter um conceito concreto do comunismo propriamente dito: “se não se quer entender ou combater o comunismo meramente em suas manifestações singulares, mas justamente o próprio comunismo, temos de trazer à clara a intuição de seu verdadeiro conteúdo” (Stein, 1842, p.350). O que se anuncia como episódio final da longa luta dos franceses pela igualdade é um movimento que se volta contra os pilares da sociedade moderna, colocando-se como pura negação do *status quo*: “E esta negação pura do estabelecido, que procede do sentimento da liberdade infinita do eu sem ter em lugar nenhum, em si e fora de si, um objetivo e querer determinados, é justamente a essência do *comunismo* [...] o puro querer diferente” (Stein, 1842, p.354).

Esta definição negativa do comunismo permite ademais uma clara distinção conceitual entre socialismo e comunismo, sendo o primeiro entendido “como o conjunto dos trabalhos intelectuais e materiais que procuram e querem realizar um sistema da organização da indústria como organização da sociedade” (Stein, 1842, p.130). Esta definição de socialismo é adequada não só às correntes socialistas existentes até então, mas cobre inclusive a maioria das manifestações socialistas posteriores. Neste sentido, o socialismo se opõe essencialmente ao individualismo egotista dos liberais, propondo uma organização social do trabalho, do mercado

etc., sem negar, entretanto, a propriedade privada de maneira absoluta. Como projeto de construção de uma sociedade melhor com base nas premissas postas pela sociedade moderna capitalista, o socialismo se distingue essencialmente do comunismo enquanto negação pura e simples da propriedade privada:

Com isto o socialismo se separa do comunismo, que ou é puramente negativo em relação ao estabelecido ou persegue sem clareza e consciência a ideia obscura de um ordenamento da sociedade.² A diferença é essencial, pois o socialismo é positivo, o comunismo negativo; aquele quer formar uma nova sociedade, este apenas derrubar a estabelecida. (Stein, 1842, p.131)

Na quarta e última parte do livro, intitulada “O comunismo”, Stein ensaia primeiro uma delimitação conceitual, para depois propor uma história do comunismo. Esta história é dividida em duas partes, uma dedicada ao comunismo na Revolução Francesa, tendo Babeuf como figura central, e a outra tratando da história do comunismo desde a revolução de 1830, na qual Stein descreve três momentos consecutivos: o republicanismo (de 1830 a 1835), o babouvismo (de 1835 a 1839) e o comunismo propriamente dito (desde 1839). No item intitulado “O proletariado e o comunismo propriamente dito”, Stein trata como parte de um movimento comunista três manifestações distintas, a dos *Travailleurs égalitaires*, a dos *Reformistes* e a dos *Communistes Icariens*, quer dizer, dos seguidores de Cabet.

Como resultado geral do livro, pode-se dizer que Stein compreendeu corretamente que os socialistas utópicos propõem uma solução da questão social *para* as classes proletárias, ou seja, estas são tratadas como alvo ou objeto de suas inovações sociais. Em contrapartida, por volta de 1840, o proletariado começaria a articular sua própria resposta:

A questão se pode haver uma reconciliação entre a ideia da personalidade absoluta e a propriedade pessoal começa a se tornar clara para a massa do povo que nada possui, e aos poucos se evidencia nele a parte crescente daqueles que respondem à questão com um fanático *não*. A convicção da impossibilidade jurídica foi despertada, a multidão se junta em torno dos princípios que servem a suas pretensões,

2 Tendo como objetivo abolir a propriedade privada e, por isso, derrubar o Estado burguês que lhe dá o respaldo jurídico-policial, o comunismo se define essencialmente como essa negação determinada, ficando bastante indeterminado o que deveria acontecer após a revolução, decerto não muito mais do que aquilo que Stein lhe atribui: “Não se pode negar que o comunismo é democrático e que ele nega toda religião determinada; e também aqui é sua característica mais essencial não saber nem querer um resultado final. A forma estatal que ele põe – quando chega a pôr uma – é construída sobre o princípio da mais completa igualdade; onde ela leva, isto ele não sabe” (Stein, 1842, p.357). Mas justamente por isso o comunismo constitui o ponto culminante da longa luta revolucionária dos franceses, que desde o século XVIII defenderia “o direito de toda pessoa à posse igual do bem comum” (Stein, 1842, p.22).

e a classe pobre, trabalhadora e sofredora se torna uma unidade forte, negadora de tudo e ameaçadora, o *proletariado*. (Stein, 1842, p.28)

Com isto, Stein se tornou o primeiro a reconhecer o *proletariado como sujeito*, descrevendo na parte final de seu livro o processo pelo qual o proletariado toma consciência de si como classe, na medida em que, ao longo da década de 1830, torna-se clara a contraposição de seus interesses àqueles dos republicanos liberais e burgueses. Por volta de 1840, após uma década de desdobramentos políticos em que se vê “a separação cada vez mais decidida da parte liberal da burguesia e do proletariado” (Stein, 1842, p.409), constitui-se o que Stein chama de “comunismo propriamente dito” ou “o comunismo proletário” (Stein, 1842, p.409-410). Como base factual para estes conceitos tão importantes no futuro, Stein só pode indicar, entretanto, as fantasias de uma utopia comunista proposta por Cabet e sua calorosa recepção no proletariado francês:

Atualmente, a maior parte dos comunistas é formada seguramente pelos comunistas no sentido estrito ou, como eles se chamam, os *comunistas icarianos* (*les communistes icariens*). O fundador desta seção é *Cabet*; ela começa como as outras no ano de 1840, na mesma época em que o proletariado se esforçava pela primeira vez em chegar a uma posição independente. (Stein, 1842, p.433)

Sendo sua intenção identificar um novo fenômeno social e alertar para a sua periculosidade nos desenvolvimentos futuros da sociedade moderna, Stein não precisa necessariamente mais respaldo nos fatos para atingir seu objetivo.

2. A relação do livro de Stein com as primeiras caracterizações de movimentos sociais e políticos como comunistas, contra e pró

Para situar precisamente o livro de Stein em seu contexto intelectual, particularmente no que diz respeito ao comunismo, é preciso manter presente que ele se vale de dois autores que deram passos decisivos no cenário dos debates sociais justamente no ano de 1840, portanto pouco antes de Stein chegar a Paris. O primeiro é Étienne Cabet, que neste ano propõe mais uma utopia, desta feita claramente comunista, em seu *Viagem à Icária*; no mesmo ano ainda, Cabet explicita seu credo comunista no panfleto *Como sou comunista*. Apesar de se assumir como comunista, Cabet não fala de comunismo, referindo-se à sua utopia social com o termo “*communauté*”, ao mesmo tempo a comunidade por ele sonhada e a comunidade de bens, o princípio comunista ou comunitário que aquela comunidade realizaria:

Pois o que é esta Comunidade de que se quer fazer um monstro? – Uma *doutrina*, um *sistema* de filosofia, de moral, de religião, de educação, de organização social e política [...]. Qual é sua organização social e política? – Antes de dizer, quero prestar conta do trabalho que me levou à adoção da Comunidade. (Cabet, 1840, p.4-5)

Ainda no *Credo comunista*, de 1841, Cabet fala exclusivamente da comunidade como seu objetivo.

O segundo autor de referência para Stein é Proudhon, que em 1840 publica seu livro *O que é a propriedade?*, em cuja parte final critica já a doutrina comunista, também se referindo sempre à “*communauté*”, e não ao “comunismo”. A transição da primeira expressão à segunda é feita só por Stein, aliás de maneira explícita na seção dedicada a Proudhon, na qual constata que este é levado a avançar até “a investigação da figura em que aparece a impersonalidade da propriedade, a *communauté* ou o comunismo” (Stein, 1842, p.326). O livro de Proudhon causou um escândalo na época por seu claro ataque ao direito de propriedade provocativamente colocado na forma da famosa expressão “a propriedade é o roubo”. Por isso, apesar de sua recusa do princípio comunista da comunidade proposta por Cabet, Proudhon foi inicialmente considerado um dos comunistas franceses, cuja fama começava a se espalhar pela Europa e até a América (cf. Bestor, 1948, p.280).

No contexto deste processo de cristalização de ideias comunistas Europa afora, o livro de Stein teve um duplo efeito: um de acordo com sua intenção, na medida em que forneceu às autoridades policiais um bordão para orientar sua espionagem e eventual perseguição; o outro inteiramente contrário ao que fora intencionado por seu autor, um aspecto da recepção do livro de Stein já destacado num artigo de Charles Rihs:

O resultado do livro que ele escreveu foi de difundir as doutrinas que ele se propunha a combater. Apesar de reacionário, o nome de von Stein continua assim estreitamente ligado à história da esquerda hegeliana. Na ótica da dialética de Hegel, seu mestre, ele, talvez pela primeira vez, expôs a noção de luta de classe na história, definiu o papel do proletariado na Revolução francesa, no socialismo e no comunismo, seus prolongamentos lógicos. (Rihs, 1969, p.404)

Na França e na Inglaterra, as ideias comunistas continuaram sendo discutidas e difundidas nos anos seguintes pelos cabetistas e owenistas, que só mais adiante vão se encontrar ou desencontrar com uma versão mais definida e mais agressiva de comunismo que entrementes se gestara entre os alemães. E neste processo de difusão e progressiva definição do comunismo na Alemanha o livro de Stein cumpre um papel decisivo. A primeira notícia sobre o trabalho de Stein antecede mesmo a publicação do livro em setembro de 1842, encontrando-se já na edição de primeiro de fevereiro de 1842 da *Rheinische Zeitung*, na coluna intitulada “Alemães em Paris”, o anúncio do livro por vir:

Outro jovem alemão que se encontra aqui, de nome L. Stein, está ocupado intensamente com os sansimonistas, fourieristas e comunistas. Podeis esperar mais tarde do sr. Stein, que é um homem metuculoso, a publicação de algo amadurecido sobre as manifestações mais importantes da França atual. (*Rheinische Zeitung für Politik, Handel und Gewerbe*, n.32, suplemento, 1 fev. 1842, p.2)

A mesma *Rheinische Zeitung* publicará pouco mais de um ano depois, na edição de 16 de março de 1843, uma das primeiras resenhas do livro, na qual o autor anônimo faz a defesa da posição de Stein e conclui:

Stein diz: talvez não existirá jamais um proletariado alemão. Mais uma vez, gostaríamos honestamente de admiti-lo; tememos que ele se engane. Não mediante uma abstração pretensiosa, mas mediante uma economia política humana e justa temos de trabalhar contra o comunismo. (*Rheinische Zeitung für Politik, Handel und Gewerbe*, n.75, suplemento, 16 mar. 1843, p.1)

Entende-se logo por que esta resenha foi criticada como reacionária por Moses Heß, o qual, como se verá, toma o partido do comunismo a partir de sua leitura do livro de Stein; Heß faz uma rápida crítica da mencionada resenha no artigo “Filosofia da ação”, publicado em 1843 (cf. Heß, 1843, p.313).

Heß começa sua polêmica contra o livro já em 1842, quando atua como co-editor da *Rheinische Zeitung*. Não é exagerado dizer que ele descobre sua própria filiação comunista com a leitura do livro, visto que em textos anteriores de Heß não se encontram traços da terminologia que então começava a circular na França. O artigo intitulado “Socialismo e comunismo”, publicado também em 1843 na mesma coletânea organizada por Herwegh na Suíça, é um misto de resenha e de polêmica contra o livro de Stein, tendo sido concebido, portanto, na esteira da recepção do mesmo. O comunismo filosófico de verniz hegeliano que Heß passa a defender a partir de 1842, entretanto, fica bem aquém da concretude sociológica e histórica que Stein atingiu em seu livro. Em “Socialismo e comunismo”, por exemplo, Heß repete a vaga associação de comunismo com o tradicional termo de “comunidade” (cf. Heß, 1843, p.79-81), enquanto Stein identificava claramente o fenômeno social do comunismo e apontava para suas raízes sociais concretas. Heß trata Stein com certa arrogância, ironizando o fato de que Stein indica o título de doutor na capa do livro: “Mas que culpa tem a França se um ‘doutor em direito’ alemão não consegue chegar àquilo que move o espírito francês?” (Heß, 1843, p.83). A real diferença entre os dois autores é que Heß passa a adotar como seu próprio programa de ação aquilo que Stein identificava como um perigo para o futuro dos Estados europeus; nos termos da época, o hegeliano de esquerda Heß tem dificuldade em aceitar que alguém de posição divergente possa ter dado uma contribuição decisiva para a compreensão de novos fenômenos sociais, ainda não contemplados pela filosofia hegeliana:

Stein pertence aos hegelianos do centro, e não nos deve surpreender nem um pouco que ele não consiga compreender nem o positivo da situação atual nem a verdade teórica do comunismo, mas vê e deplora por toda parte pura “negação” e “tendências destrutivas”. (Heß, 1843, p.91)

O fato de Stein transparecer em seu livro como conservador, estatista e monarquista será usado por quase todos os jovens hegelianos convertidos ao socialismo ou ao comunismo a partir de 1842 para se dispensarem de registrar devidamente a fonte primária de suas incursões teóricas pelos movimentos sociais da França.

Outro comunista por retrodatação é Wilhelm Weitling, cuja inclusão no rol da fama dos comunistas se deve decerto à perseguição que ele e seus correligionários sofreram já em meados de 1843. Depois de ter de fugir da França em virtude de seu envolvimento em agitação política nos anos 1830, Weitling se refugiou em Zurique, onde suas atividades subversivas acabaram por chamar a atenção das autoridades policiais. O relator de uma comissão constituída para investigar o caso, o jurista Johann Caspar Bluntschli, publicou seu relatório para que servisse de advertência às autoridades em outros lugares, mas acabou contribuindo para a difusão do comunismo como ação efetiva. Ora, em seu relatório, Bluntschli parte do trabalho teórico de Stein, como fica explícito de saída: “O dr. Stein, na obra ‘O socialismo e o comunismo da França atual’, apresentou a história do *comunismo francês* e comprovou sua conexão com as ideias da Revolução Francesa” (Bluntschli, 1843, p.2). Assim, as autoridades policiais de Zurique aplicam no caso Weitling aquilo que Stein havia levantado em seu livro como o ameaçador espectro do comunismo a rondar os Estados europeus; o que custou a Weitling alguns meses de prisão. A crer no relatório de Bluntschli, Weitling e seus correligionários chegaram a aplicar a si mesmos o nome de “comunistas”, referindo-se inclusive a seu movimento como “comunismo” (cf. Bluntschli, 1843, p.21); mas, como os documentos referidos no relatório vão até maio de 1843, é provável que o nome tenha sido adotado em virtude do livro de Stein.

Entre os alemães, Heß e Weitling serão os únicos a serem reconhecidos por Marx e Engels como precursores em matéria de comunismo. Quanto aos próprios pais do comunismo em sua forma contemporânea, pode parecer surpreendente que também eles foram despertados de suas posições republicanas e levados a abraçar o comunismo por influência da leitura do livro sintomaticamente ignorado de Stein. No caso de Engels, é possível datar aproximadamente o momento de sua leitura, pois o encontramos ainda no final de 1842, particularmente em suas contribuições à *Rheinische Zeitung*, defendendo o republicanismo reformista dos cartistas e descrevendo a situação das classes trabalhadoras na Inglaterra sem falar de socialismo e proletariado, enquanto que nas bem conhecidas *Cartas de Londres*, publicadas no *Schweizerischer Republikaner* em maio e junho de 1843, passa a falar dos cartistas e socialistas, dos socialistas ingleses (dos quais Owen seria o pai), de socialistas e comunistas; na terceira dessas cartas, deixa escapar inclusive a fonte de sua nova conceituação, mencionando com desprezo o livro de Stein, cuja leitura não seria nada se comparada com a vivência real da efervescência política no seio das classes trabalhadoras, que Engels está conhecendo então, como mostram seus relatos do período. A leitura do livro de Stein por Engels ocorreu, portanto, no início de 1843, precedendo sua conversão às ideias comunistas.

O primeiro contato de Marx com Stein é anterior mesmo à publicação do livro de Stein, remontando à época em que ambos eram colaboradores da *Rheinische Zeitung* (com Moses Heß como elo comum), em meados de 1842. Já como chefe de redação do jornal, Marx tem ocasião, em outubro daquele ano, de defender seu jornal contra a acusação de comunismo que lhe fora feita pela *Allgemeine Zeitung* de Augsburg. Reverberando uma ideia central do livro de Stein com a ironia que caracteriza seu trabalho jornalístico, Marx observa que para o jornal de Augsburg “a importância do comunismo não consiste em constituir uma questão atual da maior seriedade para a França e a Inglaterra; o comunismo possui a *importância europeia* de ter sido usado pelo jornal de Augsburg para uma frase” (Marx, 1981, p.105-106). Ainda sem abandonar o terreno do republicanismo liberal, Marx reconhece assim que o comunismo constitui um sério desafio para os Estados modernos, exatamente como fez Stein em seu livro. E Marx identifica também a verdadeira tendência da intervenção de Stein, que visa alertar os Estados ou as monarquias europeias sobre tal desafio ou ameaça, sugerindo ademais que os governos tomem a dianteira e se apropriem da questão social, neutralizando-a com medidas reformistas de cima para baixo, antes que se tornem incontroláveis as pressões revolucionárias de baixo para cima. Marx entende, pois, corretamente o caráter reacionário da proposta de Stein, que tenderia a fortalecer os governos monárquicos em detrimento do ideário democrático-republicano, sustentado por Marx até outubro de 1843. Este é então o teor da menção indireta que Marx faz de Stein como correspondente da *Allgemeine Zeitung* de Augsburg em Paris:³ “Um de seus correspondentes de Paris, um convertido que trata a história como um confeitiro trata a botânica,⁴ teve recentemente a ideia de que a monarquia teria de buscar à sua maneira se apropriar das ideias socialistas-comunistas” (Marx, 1981, p.106). Neste sentido também se entende a paradoxal situação, constatada por Marx, de que “na Alemanha princípios comunistas são difundidos, não pelos liberais, mas pelos amigos *reacionários* [do jornal de Augsburg]” (Marx, 1981, p.107).

Menções diretas a Stein se encontram posteriormente em *A sagrada família*, onde Marx atribui o fato de Bruno Bauer só se referir aos socialistas franceses pela circunstância de não se encontrar no livro de Stein um tratamento equivalente dos ingleses, apontando assim para a verdadeira fonte de Bauer em suas elucubrações sobre o socialismo (cf. Marx, 1962, p.142), e em *A ideologia alemã*, em que Marx indica o livro de Stein como fonte principal do livro de Karl Grün, *O movimento*

3 A informação de que Stein foi correspondente do jornal já durante a estadia em Paris é corroborada por informações pessoais de seu filho Ernst (cf. Grünfeld, 1910, p.VIII e 3).

4 Marx poderia ter dito também “como um espião trata a política”, pois Stein efetivamente mapeia o cenário revolucionário na França com o intuito de fornecer informação para governos monárquicos sobre o que acontece e o que pode ser feito para enfrentar o desafio. É provável que a esta altura Marx não soubesse que Stein atuou de fato como espião do governo prussiano por alguns meses em sua estadia em Paris, caso contrário não teria poupado essa informação em seu contra-ataque ao jornal de Augsburg.

social na França e na Bélgica (1845). Aliás, Marx reconhece aqui que o livro de Stein é muito superior ao de Grün:

Já nisto se vê que o arremedo de Grün fica muito abaixo do livro de Stein, que ao menos tentou apresentar a conexão da literatura socialista com o desenvolvimento efetivo da sociedade francesa. E não precisa ser mencionado, entretanto, que o senhor Grün olha com a maior arrogância e com desprezo para o seu predecessor. (Marx, 2017, p.552)

3. Anticlímax filológico: a cunhagem do termo “comunismo”

Uma vez esclarecido o papel que Stein cumpriu na criação do *conceito* de comunismo, e tendo ficado patente inclusive a decisiva participação de seu livro no desenvolvimento inicial do comunismo propriamente dito, já se reuniu suficiente material para sustentar que Stein foi efetivamente o descobridor do comunismo como categoria de identificação sociocultural. Diante disto, a resposta à questão do primeiro aparecimento do termo “comunismo” passa a ser mais da ordem da curiosidade filológica, que merece, no entanto, ser satisfeita também.

Os dados reunidos já por Arthur Bestor apontam claramente para o fato de que é só por volta de 1840 que se começa a usar em francês o termo “*communiste*”; isto no entorno de Étienne Cabet, onde o termo rivaliza, ademais, com “*communautaire*”, tendo um dos seguidores de Cabet, Théodore Dézamy, fundado inclusive um periódico com o nome de *Le communautaire* (cf. Bestor, 1948, p.279). Nos textos de Cabet de 1840 e 1841, ocorre seguidamente o termo “*communiste*”, mas nunca o termo “*communisme*”, referindo-se Cabet a seu ideal como o da “*communauté*”.

As primeiras ocorrências do termo “*communisme*” em textos franceses são, até melhor informação, do ano de 1842, quando Théophile Thoré publica um panfleto com o título *Do comunismo na França* e Louis Reybaud emprega o termo em seu artigo “Das ideias e das seitas comunistas”, publicado em julho de 1842 na *Revue des Deux Mondes* (cf. Bestor, 1948, p.281). Depois, num livro de Dézamy publicado em 1843, mas provavelmente redigido já em 1842, o termo ocorre duas vezes (cf. Dézamy, 1843, p.291-292), ao lado, é claro, de inúmeras ocorrências do usual “*communauté*”. Como Stein passa a frequentar o círculo em torno de Cabet no final de 1841, seria possível que o termo passasse a ser adotado pelos franceses sob influência do visitante alemão. Acontece, no entanto, como levantou Bestor, que o inglês John Goodwyn Barmby, que viera em 1840 para Paris conhecer os comunistas franceses com a recomendação de Robert Owen, emprega o termo “*communism*” numa carta publicada na revista owenista *New Moral World* em 12 de dezembro de 1840,⁵ apontando assim para um possível

5 Sob o título “A resposta do Sr. Barmby ao fourierismo: Ao editor do *New Moral World*” é publicada a longa missiva de Barmby, encontrando-se nela duas ocorrências do termo: “Comunismo, como eu chamo o socialismo em contraposição ao falansteriano, está em linha de continuidade com o

uso do termo nos círculos cabetistas já em 1840. Neste caso, Stein teria apenas cunhado a versão alemã do termo. Ainda assim, pode ser sustentando que Stein influenciou a fixação do termo, pois em seu livro não são empregados termos concorrentes, ao passo que tanto nos textos dos cabetistas quanto nos de Barmby se constata uma verdadeira inflação de neologismos para caracterizar o princípio da comunidade.⁶

Ora, toda esta cronologia vai de encontro ao que Marx e Engels dizem sobre o assunto na *Ideologia alemã*, mais precisamente em duas passagens em que mencionam o emprego do termo “comunismo” antes de 1842. A primeira atribui ao jornal socialista *L'Égalitaire*, de 1840, a seguinte frase: “A propriedade social é uma contradição, mas a riqueza social é uma consequência do comunismo” (Marx, 2017, p.260). Acontece, entretanto, que toda a passagem supostamente citada não se encontra no mencionado jornal, como verificaram os editores da *Ideologia alemã* em MEGA² (cf. Marx, 2017, p.1423).

A outra passagem levanta uma questão mais séria, pois se refere a uma revista comunista alemã que teria sido publicada em Paris em 1839, e na qual se encontraria a seguinte frase: “O comunismo desmascarou esta pregadora hipócrita, a miserável moral” (Marx, 2017, p.271). Esta revista de nome *Die Stimme des Volks* constituiu por muito tempo um problema para os pesquisadores, pois ninguém foi capaz de achar sequer um exemplar da revista; até que em 1969 Jacques Grandjonc mostrou que as passagens atribuídas àquela revista se encontram de fato em outra revista, *Blätter der Zukunft*, publicada em 1845-1846, tirando a conclusão “de que a revista, até agora considerada ‘incontrável’, sequer existiu” (Grandjonc, 1969, p.501). Os editores de MEGA² incorporaram este resultado, levantando a hipótese de que a intenção teria sido contestar a Weitling a prioridade no uso do termo (cf. Marx, 2017, p.1423-1424), baseados na própria maneira em que a revista é referida numa das passagens: “lê-se já em 1839, portanto antes das

sansimonismo [...]. Enquanto relacionado com a organização da sociedade, o comunismo é idêntico com o socialismo oweniano” (*New Moral World*, v. 8, 1840, p.375). A associação do termo com o sansimonismo e com o owenismo, e não com o cabetismo, como seria de esperar, lança dúvidas, entretanto, sobre o efetivo uso do termo nos círculos comunistas cabetistas já em 1840.

- 6 Bestor levanta bem uma dúzia de termos concorrentes, como o “*communitarianism*” empregado por Barmby numa de suas cartas de 1840 (cf. Bestor, 1948, p.279-282). Tendo em vista maior exatidão histórica, Bestor corrige também o levantamento mais antigo de Carl Grünberg, que sugere que Cabet (o qual frequentou os círculos owenistas no seu exílio inglês durante os anos 1830) poderia ter cunhado o termo francês “*communiste*” com base na revista owenista *Co-operative Magazine*, que no número de setembro de 1827 trataria “da principal questão [...] entre o moderno economista político (ou Mill e Malthus) e o comunista ou socialista” (apud Grünberg, 1912, p.378). Bestor corrige, lembrando que na mencionada passagem ocorre o termo “*communionist*”, e não “*communist*”, como citado por Grünberg (cf. Bestor, 1948, p.278). Em sua tese defendida em 1979, Jacques Grandjonc fez um levantamento exaustivo da terminologia comunitarista, tendo registrado ocorrências eventuais mesmo de “comunista” e “comunismo” desde o século XVI (!). Para o contexto aqui tratado, no entanto, também ele conclui que 1840 constitui o ano decisivo para a propagação destes termos, tendo ocorrências mais antigas soçobrado em sucessivas ondas repressivas (cf. Grandjonc, 2021).

Garantias de Weitling, na revista comunista alemã *Die Stimme des Volks*, publicada em Paris [...]” (Marx, 2017, p.260). Se foi esta a intenção, o esforço teria sido desnecessário, já que nas *Garantias da harmonia e da liberdade*, obra de Weitling publicada em 1842, não se encontra uma única vez o termo disputado, limitando-se seu autor a falar de “comunidade” (*Gemeinschaft*) e “comunidade de bens” (*Gütergemeinschaft*), expressões correntes antes de 1842, como visto.

Referências bibliográficas

- BESTOR, Arthur E. The Evolution of the Socialist Vocabulary. *Journal of the History of Ideas*, v.9, 1948, p.259-302.
- BLUNTSCHLI, Johann Caspar (ed.). *Die Kommunisten in der Schweiz, nach den bei Weitling vorgefundenen Papieren*. Wörtliche Abdruck des Kommissionsberichtes an die Regierung des K. Zürich. Zurich: Orell & Füssli, 1843.
- CABET, Étienne. *Comment je suis communiste*. Paris: Imprimerie Bourgogne et Martinet, 1840.
- DÉZAMY, Théodore. *Code de la communauté*. Paris: Dézamy Editeur, 1843.
- GRANDJONC, Jacques. *Communisme/Kommunismus/Communism*. Origine et développement international de la terminologie communautaire prémarxiste des utopistes aux néo-babouvistes, 1785-1842. Paris: Éditions de la Grange Batelière, 2021.
- GRANDJONC, Jacques. Die Stimme des Volks 1839 oder Blätter der Zukunft 1846. Zur “Deutschen Ideologie”. *Archiv für Sozialgeschichte*, v.9, 1969, p.499-507.
- GRÜNBERG, Carl. Der Ursprung der Worte “Sozialismus” und “Sozialist”. *Archiv für Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, v.2, 1912, p.372-379.
- GRÜNFELD, Ernst. *Lorenz von Stein und die Gesellschaftslehre*. Jena: Gustav Fischer, 1910.
- HEß, Moses. “Philosophie der That” e “Socialismus und Communismus”. In: HERWEGH, Georg (ed.). *Einundzwanzig Bogen aus der Schweiz*. Zurich: Verlag des Literarischen Comptoirs, 1843.
- KOSELLECK, Reinhart. *Vergangene Zukunft*. Zur Semantik geschichtlicher Zeiten. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1989.
- MARX, Karl. Der Kommunismus und die Augsburger “Allgemeine Zeitung”. In: *Marx Engels Werke I*. Berlin: Dietz Verlag, 1981.
- MARX, Karl. *Deutsche Ideologie* (MEGA² II.5). Berlin: De Gruyter, 2017.
- MARX, Karl. *Die heilige Familie oder Kritik der kritischen Kritik*. Gegen Bruno Bauer und Konsorten (MEW 2). Berlin: Dietz Verlag, 1962.
- RIHS, Charles. Lorenz von Stein: Un jeune hégélien libéral a Paris (1840-1842), observateur du mouvement social dans la France contemporaine. *Revue d'histoire économique et sociale*, v.47, 1969, p.404-446.
- SCHMIDT, Werner. *Lorenz von Stein*. Ein Beitrag zur Biographie, zur Geschichte Schleswig-Holsteins und zur Geistesgeschichte des 19. Jahrhunderts. Eckernförde: Schwensen, 1956.
- STEIN, Lorenz. *Der Socialismus und Communismus des heutigen Frankreichs*. Ein Beitrag zur Zeitgeschichte. Leipzig: Otto Wigand, 1842.

Resumo

Tratando-se da origem do comunismo por volta de 1840, cabe ressaltar a importância de Lorenz Stein na formação do conceito correspondente. Autor hoje reconhecido como fundamental nos primórdios da sociologia alemã, Stein passou um tempo em Paris entre 1841 e 1842, o que possibilitou um acesso em primeira mão às fontes do socialismo francês e ao comunismo então em plena formação. O resultado foi o livro *O socialismo e comunismo da França atual*, publicado em 1842, cuja relevância para a consolidação da terminologia e conceituação comunistas é investigada no artigo.

Palavras-chave: Socialismo; Comunismo; Lorenz Stein; Karl Marx.

Abstract

Concerning the origin of communism around 1840, it is worth emphasizing the importance of Lorenz Stein in the formation of the corresponding concept. An author nowadays recognized as fundamental in the beginnings of German sociology, Stein spent time in Paris between 1841 and 1842, which allowed first-hand access to the sources of French socialism and communism then in full formation. The result was the book *Socialism and Communism in Contemporary France*, published in 1842, whose relevance for the consolidation of communist terminology and conceptualization is investigated in the article.

Keywords: Socialism; Communism; Lorenz Stein; Karl Marx.